



Biograph



BIO E GRAFIA: SIMULACROS NARRATIVOS?

Silvia da Silva Nogueira
UERJ-FFP
pra21nogueira@yahoo.com.br

Não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida real.¹

A vida não pode ser medida com precisão.²

Uma das experiências mais interessantes vividas no ambiente da pós-graduação em Educação foi perceber algo simples, mas bastante libertador, nas diversas conversas com professores, orientadora e colegas. A percepção foi que nenhum saber deve ser desprezado na nossa caminhada intelectual. A formação docente, em particular, por ser múltipla, inscreve-se nos diversos textos/tecidos com os quais “cobrimos” nossos corpos, mentes e corações em um sempre inacabado bordado multicolorido. No percurso realizado até aqui, atuando como professora de língua portuguesa de 6º ao 9º ano da educação básica, em uma escola pública de uma cidade do interior do estado do RJ, muitos fios foram sendo tecidos em diálogo com outros saberes, entre o campo das Letras e o da Educação, por exemplo.

A pesquisa em andamento no programa de pós-graduação da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da UERJ com o título “Dialogicidade, experiência e identidades juvenis na sala de aula: processos de formação discente em uma escola pública da periferia urbana de Macaé, RJ” investiga as narrativas formativas de educandos nas séries finais do segundo segmento da educação básica que estão em defasagem idade-série. Esses educandos têm um longo processo de escolarização nem sempre exitoso. Imaginamos que o olhar – ou a descoberta – sobre o próprio processo de escolarização poderia propiciar

¹ François Dosse reflete sobre a biografia como um gênero literário impuro, no segundo capítulo de seu livro.

² Verso da canção “Nuvem” da banda brasileira Engenheiros do Havai.

elementos potentes de autoconhecimento e emancipação, além de contribuir para uma interlocução criativa entre os sentidos destas narrativas e as compreensões presentes nas teoriaspráticas educativas.

A escolha pelo campo fértil e em construção da pesquisa narrativa mostrou-se prazeroso, em um primeiro momento, e desafiador, no momento seguinte. As inquietações começaram quase por etapas, já que o primeiro desafio era de ordem epistemológica e metodológica. A discussão e definição, por exemplo, do tipo de fontes legitimadas e de seu registro, além da definição da posição do pesquisador no uso do método como “lugar de acompanhamento” e de “escuta sensível” (JOSSO, 1998; BARBIER, 2002 apud FONTOURA, 2013, p.16).

Mas além desses desafios, outro apresentou-se “naturalmente”, a necessidade pessoal de entender como se faz ciência com as narrativas discentes. Como podemos nos aproximar, na condição de pesquisadores, do material biografado/relatado/rememorado pelo educando. E, ainda, como capturar o que é vital como, por exemplo, temas ou subtemas, *insights*, interditos, silêncios, planejamentos linguísticos de uma narrativa da memória, sempre tão cara ao narrador, mas condicionalmente incompleta e singular. As leituras do texto-base “Histórias e história de vida” (FERRAROTTI, 2014) explicitam a síntese da História na história do indivíduo. Um primeiro e importante passo, mas não necessariamente um caminho.

Vamos, então, às dificuldades: ao selecionar as modestas epígrafes acima, apontamos para a força das duas negativas. A primeira propõe a incapacidade de restituir o vivido tal como foi vivido, representar o real tal como o real é. Não é possível, por nenhum caminho ou *techné*, restituir a experiência na sua rica e fugidia complexidade. Nessa questão debateram-se filósofos, poetas e teólogos por muitos séculos. E a segunda negativa aponta para outra incapacidade. Viver não é algo preciso ou quantificável no número de anos ou situações. Viver, pelo contrário, é algo impreciso, sujeito a múltiplas variáveis internas e externas, individuais e coletivas, apesar das muitas experiências que pareçam evocar as determinações de um destino ou uma ideia antiga de eterno retorno.

Nós tentamos capturar a vida através da linguagem, pelas nossas diversas formas de usá-la, seja para narrar, nomear ou descrever, a nós mesmos, aos outros e o mundo ao

redor. Mas ela, a *bio*, teima em escorrer pelos dedos, resistir à tinta, esconder-se da memória ou recriar-se em histórias mais verossímeis.

No interessante filme “As aventuras de Pi”³, por exemplo, somos interpelados retoricamente pelo narrador-personagem a avaliar aquilo que é mais crível, a narrativa fantástica ou o relato cru, sem alegorias, a respeito da barbárie acometida ao menino durante seu naufrágio. Mesmo que ainda nessas duas possibilidades narrativas escape à linguagem o vivido, revele a linguagem apenas uma tentativa de representação de uma experiência indizível.

Mas tentamos narrar, é certo. Sobretudo, quando pensamos em narrativas que nos representam de alguma forma nos aspectos mais amplos de nossas experiências como seres que habitam o mesmo planeta. Como, por exemplo, as narrativas universais, as epopeias, os mitos. “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” já diria Walter Benjamin (BENJAMIM, 1987, p.198).

Dos grandes narradores do passado, com experiências sopradas ao ouvido das gerações e recriadas por escrito, aos grandes narradores contemporâneos, produtores de narrativas cinematográficas, todos bebem na fonte das experiências humanas e alinham o tecido linguístico pouco nítido entre o real e o ficcional, ou melhor, entre a mimese⁴ do real e da arte literária, em particular.

A discussão da filosofia clássica sobre a mimese permaneceu sem contraposições até o século XX. A partir do início do século passado, a noção de mimese começou a ser problematizada em sua estabilidade milenar, compondo uma discussão bastante ampla sobre a referencialidade da linguagem⁵. Dois “clichês” emergiram dessa discussão, segundo Compagnon (2010), a literatura fala do mundo ou a literatura fala de si mesma, sendo, portanto, autorreferencial.

Esse debate nos interessa quando, como pesquisadores que se debruçam sobre *corpus* escritos e que pertencem a um gênero literário específico, como as biografias

³ Produção EUA/China, 127', 2012. Direção Ang Lee.

⁴ Mimese foi traduzida desde Aristóteles como *imitação*, *representação*. Para Platão (427-347 a.C.), a mimese é uma imagem das ideias e a arte corresponderia a um simulacro da realidade, uma imitação de segunda ordem, distante “dois graus daquilo que é”, segundo o livro X da “República”.

⁵ As correntes de estudos literários que atravessam o século XX e tratam das discussões sobre o limite da interpretação, do estatuto da linguagem e da literariedade do texto são três: a corrente textualista, a fenomenológica e a sociológica ou ético-política, segundo Souza (1997).

(BRAGANÇA, 2012), aponta para a limitação da linguagem como capaz de dizer o mundo tal como ele é, na medida em que exista um mundo dado e captável à compreensão. A linguagem – do cotidiano, do conhecimento ou da arte – acionando Platão, é um *lógos diplom: alethés e pseudós*⁶, isto é, a palavra é dupla: verdadeira e falsa ao mesmo tempo.

O que fazemos, segundo Compagnon (2010), é, como leitores de gêneros textuais diversos, realizar uma “momentânea suspensão voluntária da incredulidade”. Alguns escritores do XIX, na ambiência de um movimento denominado Realismo, reavivaram o interesse na produção de biografias, explicitando o jogo entre real e ficcional (verdadeiro/falso) presente, primeiro, na noção de linguagem e, depois, na noção de literatura.

No Brasil, Machado de Assis foi um desses escritores que em seus cinco grandes romances “brincou” com o estatuto do real e do ficcional em textos de caráter biográfico, memorialístico, como “Dom Casmurro”, “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Memorial de Aires”. O romance “Memórias póstumas de Brás Cubas”⁷, em particular, é aquele cujo convite pactual do autor com os leitores para “suspender voluntariamente a incredulidade” é mediado, de forma explícita, pela construção de um autor secundário, desde a dedicatória “aos vermes” à advertência ou prólogo direcionado ao leitor cujo autor não é textualmente Machado de Assis, mas sim, Brás Cubas.

Dostoiévski⁸, na esteira dessa análise, no livro “Memória do Subsolo” inicia o romance com uma nota bastante pertinente para a discussão sobre o processo de biografização da vida enquanto texto. Ele escreve no prólogo “tanto o autor como o texto destas memórias são, naturalmente, imaginários. Todavia, pessoas como o seu autor não só podem, mas devem existir em nossa sociedade, desde que consideremos as circunstâncias em que, de um modo geral, ela se formou” (DOSTOIEVSKI, 2000, p.14). Os dois romancistas indicam na relação do texto (na sua imanência) com os leitores a fluidez entre falso e verdadeiro presente na linguagem e na literatura. Fluidez que está presente em (auto)biografias, sejam elas com *status* ou não de literária.

⁶ A discussão clássica sobre a linguagem está no “Crátilo”, de Platão. E o início das discussões sobre a interpretação da poética e sobre a verdade no texto literário encontra-se no “Íon” e no “Hípias Menor”.

⁷ 1ª edição em 1881

⁸ Fiódor Dostoiévski (1821-1881), russo, é creditado a ele o início do movimento artístico-literário na Europa, denominado Realismo.

No pacto de leitura dos textos (auto)biográficos há uma espécie de “promessa” de que o leitor está diante de um testemunho verificável na realidade. Mas Duque-Estrada (2009, p.17) argumenta sobre a impossibilidade do texto (auto)biográfico cumprir sua promessa: “apresentar a verdade de uma vida reunida em uma trama narrativa”. O pacto de leitura do pesquisador é realizado com base nessa promessa e ao mesmo tempo no pressuposto de que a verdade é um valor a ser problematizado.

Parece, então, que as pesquisas com histórias de vida, enquanto textos, poderiam considerar as discussões sobre o real e o ficcional, sobre a recepção dos textos e os processos de atribuição de sentido/significado pelos leitores/intérpretes suscitadas a partir do campo das Letras, em especial, da disciplina Teoria da Literatura.

No primeiro item, estamos diante de um pressuposto que tenciona a análise, a fluidez do estatuto do real, mesmo em textos (auto)biografados. De certa forma, esse tencionamento ilumina as narrativas humanas, no jogo de lembrar e esquecer ou de ser histórico (verdadeiro) ou ahistórico (falso) em fronteiras muito pouco definidas, mas constituintes do próprio exercício de narrar.

A alegria, a boa consciência, o ato feliz, a confiança naquilo que vem – tudo isso depende, em cada indivíduo assim como no povo, da existência de uma linha que separe o visível, claro, do que não pode ser clareado e escuro, de que se saiba como esquecer na hora certa, como também se recorde na hora certa, de que as pessoas sintam com um instinto forte quando é necessário sentir-se de modo histórico ou não-histórico. Essa é a proposição a que o leitor é justamente convidado a observar: o ahistórico assim como o histórico são igualmente necessários para a saúde de cada indivíduo, de um povo e de uma cultura. (NIETZSCHE apud SELIGMANN-SILVA, 2003, p.61)

A aproximação do pesquisador diante do *corpus* narrativo é também o trabalho de um hermeneuta. O que ouvimos/lemos no processo irregular de rememoração, mas não fragmentado (BRAGANÇA, 2012), precisaria ser interpretado a partir de pressupostos muito claros⁹: primeiro, a narrativa é parte integrante de uma pesquisa que tem um duplo papel com o uso do método (auto)biográfico: o narrador atualiza um conhecimento de si para consigo, ao “dar sentido à vida e à sua historicidade” (BRAGANÇA, 2012, p.49), que

⁹ Bragança (2012) apresenta no capítulo inicial desse texto a diversidade metodológica da pesquisa narrativa.

o levaria à ação com “possibilidades emancipatórias” (BRAGANÇA, 2012); e o pesquisador, ao mesmo tempo leitor e autor secundário, seleciona, visibiliza, tematiza (FONTOURA, 2011), lança luz e constrói sentidos dados por ele decorrentes do processo de leitura das narrativas.

Segundo, essas atribuições de sentido não devem pretender apenas descrever ou ratificar singularidades, mas sim referenciar, a partir do texto, mas para além dele, no contexto social, e na interação e interpelação oriunda do campo da Educação. “O significado não está nem no texto, nem fora do texto. Ele é interrelacional, porque só pode ser o resultado das ocorrências entre os signos textuais e os atos de compreensão do leitor. O significado não é objeto, mas efeito a ser experimentado” (BORBA, 2003, p.34).

As diversas contribuições do campo da História, da Sociologia e da Filosofia têm subsidiado muitas proposições profícuas para pensar o universo da interpretação na pesquisa narrativa a partir da organização de *corpus* integrais. Nesse debate sobre a análise dos *corpus*, três modelos foram sugeridos por Pineau e Le Grand (1993, p.100 apud BRAGANÇA, p.57), o biográfico, o autobiográfico e o dialógico. Estes três modelos se assentam na figura do intérprete/hermeneuta ora no pesquisador, ora no narrador e ora na parceria entre eles, e revelem a importância da definição da aproximação com o texto. Eles sinalizam um caminho importante na condução da pesquisa que merece ampliações e aprofundamentos.

As discussões teóricas no campo das Letras tradicionalmente têm sido sobre a criação e a representação. No século XX e ainda hoje outras questões envolvendo a recepção dos textos e os limites da interpretação estão sendo colocadas ao lado da imanência do texto, apontando para a “variabilidade das respostas e projeções individuais dos leitores” (FLORY, 1997, p.19).

O processo de leitura é estudado e analisado de todos os ângulos, em sua variabilidade, em seus valores intrínsecos, nas condições pessoais e históricas em que se encontram os leitores, considerando-se o texto [artístico], tanto uma construção do autor como uma reconstrução pelo leitor[...] (FLORY, 1997, p.19)

Cada linha de interpretação desde o formalismo e estruturalismo vão problematizando ou enfocando certos aspectos do trabalho de criação, de representação, de interpretação e de

recepção dos textos literários. Todo esse movimento se presta a pensar na análise dos textos dentro da metodologia das histórias de vida, porque, como já apontamos, utiliza-se de um gênero consagradamente literário.

A estética da recepção pode, então, ser bastante útil na medida em que oferece elementos de atribuição de sentido levando em consideração que a recepção “é um processo gerador de significados que realiza as instruções dadas por um texto num dado momento. A obra literária é vista em inter-relação com a realidade histórico-cultural do autor e do leitor (FLORY, 1997, p.22).

No processo de biografização da vida dos jovens em defasagem idade-série, no ambiente da periferia de uma escola pública, esperamos colher narrativas sobre seus modos de escolarização. Diante dessas narrativas, pretendemos nos posicionar como leitores/hermeneutas que no seu “horizonte de expectativa” sabe que está diante da fluidez da linguagem, na dinâmica entre real e ficcional presente em um processo de rememoração e que também está diante de um tipo de texto previamente delineado. Estas atitudes de leitura encaminham a um processo de atribuição de sentido ao lido que também leva em consideração, nas linhas gerais da estética da recepção, o lugar de onde o autor/narrador fala e também o lugar de onde o leitor/intérprete lê.

O objeto da pesquisa biográfica é o de explorar os processos de gênese e de vir-a-ser dos indivíduos num espaço social, mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e acontecimentos de sua existência. E, junto a isso, como os indivíduos, pelas linguagens culturais e sociais que eles atualizam nas operações de biografiação, - linguagens sendo tomado aqui em sentido muito amplo: códigos, repertórios, figuras de discurso; esquemas, scripts de ação, etc- contribuem para fazer existir, reproduzir e produzir a realidade social. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.71).

A relação possível, portanto, entre as discussões trazidas pela teoria da literatura, através da estética da recepção, e a atribuição de sentido pelo pesquisador no uso do método (auto) biográfico é também uma modesta contribuição para pensar os processos de elevar a singularidade de uma história(s) individual(is) a conhecimento científico no campo da Educação.

A atual etapa da pesquisa sobre as narrativas discentes de educandos em defasagem idade-série é a de recolhimento dessas histórias marcadas pelo lugar, tempo, cultura, entre

outros elementos do contexto desses sujeitos. Será nas etapas seguintes que as discussões propostas nesse texto poderão ganhar vida ou mostrarem-se ainda insuficientes para dar conta da análise dos *corpus* na pesquisa com histórias de vida.

Referências

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 2 ed. São Paulo: Ediouro, 2004.

BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. Vol. 1, São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORBA, Maria Antonieta de Oliveira. **Teoria do efeito estético**. Niterói: EdUFF, 2003.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de S. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Editora Ufmg, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. P 71-94. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGI, Maria da Conceição.(org.) **Pesquisa (auto)Biográfica: dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Tomo 1. EDUFRN,EDIPUCRS,EDUNEB, 2012

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Memória do Subsolo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth. M. **Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si**. Rio de Janeiro:Nau/PUC Rio, 2009.

FERRAROTTI, Franco. **História e história de vida**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

FLORY, Suely Fadul V. **O leitor e o labirinto**. São Paulo: Arte e ciência, 1997.

FONTOURA, Helena Amaral da. Analisando dados qualitativos através da tematização. In: _____. **Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa**. 1 ed. Coleção “Educação e Vida Nacional”, Niterói: Intertexto, 2011, cap.4 p.6182.

GALLE, Helmut et al (orgs). **Em primeira pessoa**: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: USP, Annablume, Fapesp, 2009.

PLATÃO. **Sobre a inspiração poética (Ion); Sobre a mentira (Hípias Menor)**. Porto Alegre, RS:L&PM Pocket, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio(org.) **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP:Unicamp, 2003.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1997.